

MAR-CELA E O EMBATE VIVO ENTRE MAR E TERRA À LUZ DE DELEUZE

Talia Gabrielle Santos Azevedo¹(UEMA)
José Henrique de Paula Borralho (UEMA)

Resumo: Deleuze, em texto dos anos 50, conhecido como *Causas e Razões das Ilhas Desertas*, ao caracterizar as ilhas de maneira inovadora, vincula geografia e literatura. Com base nessa conjunção e tendo como pressuposto a identificação da personagem Marcela, do romance *A Ostra e o Vento* do cearense Moacir C. Lopes, com a ilha onde se desenrola a trama, presente desde o nome, procuraremos responder a seguinte questão: que tipo de ilha seria Mar-cela? Para tanto, levaremos em conta as tendências insulares desenvolvidas pelo filósofo nesse texto em questões tais como *separação* e *recriação* a partir de sua análise de romances clássicos da literatura.

Palavras-chave: ilha; natureza; separação; recriação.

Mar-cela: uma ilha

No texto intitulado *Causas e Razões das Ilhas Desertas*, Deleuze, com base em distinção dada pela geografia, se coloca na fronteira entre dois tipos possíveis de ilhas: continentais e oceânicas. Segundo ele, podemos caracterizá-las do seguinte modo:

As ilhas continentais são ilhas acidentais, ilhas derivadas: estão separadas de um continente, nasceram de uma desarticulação, de uma erosão, de uma fratura, sobrevivem pela absorção daquilo que as retinha. As ilhas oceânicas são ilhas originárias, essenciais: ora são constituídas de corais, apresentando-nos um verdadeiro organismo, ora surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las. (DELEUZE, 2004, p. 06)

A partir dessa distinção, Deleuze nos permite, tomando como base a personagem Marcela, da obra literária *A Ostra e o Vento* (1964) do cearense Moacir Costa Lopes, colocar a seguinte questão: que tipo de ilha seria Marcela? A menina carrega desde o nome o sentido dessa interrogação: Mar-cela. Tal nome, quando desmembrado, nos mostra uma imagem insular. Uma vez visualizada, a imagem nos situa num ‘espaço’ cercado.

¹Mestranda em Teoria Literária (UEMA). Contato: taliagabrielle1987@gmail.com.

Que espaço seria esse se não a ilha, ambiente cativo do mar. Moacir, sobre isso, mas, com outras palavras, conforme o crítico Michael Fody, no livro *Criação e técnica no romance de Moacir C. Lopes*, diz:

Lopes, numa entrevista em 1964, referiu-se a uma ilha como uma “prisioneira do mar” (Anon. “Nosso romancista do mar”, 1964, s/p.), e, inconscientemente, afirma ele, transmitiu essa ideia no nome que deu à protagonista, Marcela (Mar + cela), a prisão do mar. (FODY, 1978, p. 129).

Nesse ponto, o autor, através da escolha do nome da personagem, ainda que inconscientemente, como dito pelo próprio em entrevista mencionada acima, nos localiza não só no lugar onde se passa o enredo da obra, lugar esse chamado Ilha dos Afogados mas, sobretudo na atmosfera paradoxal que rege a relação da personagem com o lugar em questão. Para que tornemos clara a pertinência dessa nossa investigação, à luz da filosofia de Deleuze, sobre qual tipo de ilha seria Mar-cela exporemos, nesse momento, um breve resumo do romance.

Considerada, por muitos críticos literários, a obra prima de Moacir C. Lopes, *A Ostra e o Vento* tem por trama a história de uma menina que vive numa ilha em pé de guerra com o pai, José, faroleiro triste e controlador, que não gosta de sua amizade com Daniel, primeiro, e por muito tempo, único ajudante de seu pai no farol. Apesar do ambiente conflituoso em voga, Marcela estabelece paralelamente um ‘outro’ contato com a ilha, através da natureza². Dessa relação profunda, com os elementos pertencentes ao bioma do lugar onde vive surge Saulo, personagem misterioso, que desperta sua sexualidade através do vento. Esse ‘ser’ sutil, que brota e encaminha a envolvimento da personagem com o universo natural do lugar onde vive, ao mesmo tempo que incita o corpo de Marcela para descobrir-se mulher, amplia sua percepção do ‘derredor’, ou seja, a menina ao experimentar a vitalidade da biodiversidade desse espaço, repleto das begônias e beldroegas que planta, dos pássaros que a circunda, do odor de manjerição nos

²Do ponto de vista geográfico, “natureza são os elementos ou o conjunto dos elementos formadores do planeta Terra, ou seja, ar, água, solo, relevo, fauna e flora” (2001, p. 01).

arredores do mar, projeta-se na ilha, assim, diz Daniel, mestre e amigo: “A ilha se chama Marcela, esse mundo encadeado de mar se chama Marcela. Marcela!” (LOPES, 2000, p.60).

A partir dessa identificação entre Marcela e a Ilha, presente no decurso da obra, e ponto de partida da nossa investigação, podemos retomar propriamente a questão inicialmente lançada: que tipo de ilha seria Mar-cela? Se vista pelo viés da decisão do pai, que resolve vingar-se da vida, depois da traição da mãe de Marcela, isolando-se na Ilha dos Afogados junto com a filha, na época 9 anos, impedindo desde então qualquer contato com a mãe e com o continente, temos aí o que caracteriza as ilhas continentais: a separação. Mas se a virmos pelo prisma de sua relação de entrelaç com o bioma do local, que consigo forma um verdadeiro ‘organismo vivo’, que a faz ora sentir-se grávida de deus na brotação de uma dália, ora sentir-se do “tamanho do vô das gaivotas” (1982, p.12) apesar da atmosfera difícil de confinamento imposta pelo pai, a veremos em seu aspecto originário, quando, uma vez separada, da mãe e do continente, “cresce e vai assumindo aos poucos a importância da ilha” (1982, p.12).

Ao invés de nos induzir a definir Mar-cela somente por um desses dois tipos possíveis, Deleuze, em *Causas e Razões das Ilhas Desertas* nos permite pensá-la enquanto ilha, entre um e outro, no interstício entre *separação* e *recriação*, tal como coloca nesse trecho: “Separação e recriação não se excluem, sem dúvida: é preciso ocupar-se quando se está separado, é preferível separar-se quando se quer recriar; contudo uma das duas tendências domina sempre” (2004, p. 07). Ora, tendo em vista a copertença entre esses dois aspectos constituintes do tipo misto de ilha que é a personagem da obra em questão, busquemos agora em trechos d’*A Ostra e o Vento* qual a tendência dominante em Mar-cela:

1 - [...]É quinta feira, 22 de novembro. Pai e Daniel estão na praia ajeitando o trapiche. A ilha inteira recende manjeriçõ e a rosas e jasmim. Acabei de ler um livro que Pepe trouxe no início do mês, recomendado por Daniel. Banhei-me na fonte, fiz pão que estava gostoso com o aroma de ramos de alecrim. Já varri a casa, limpei as escadas da torre, costurei as calças velhas de pai. Lavei as minhas na hora do banho e agora estão secando no arame juntas com uns filés de peixe fermentados em sal e limão, que será nosso almoço. Depois fui regar as flores e demorei-me muito observando uma dália que se abria. A dália, eu e a ilha parecíamos estar gerando beleza. Corri para contar a Daniel e a

pai mas eles não entenderam, fizeram pouco de mim. Depois Daniel me procurou para dizer que Deus existe dentro da gente e de cada coisa. Foi aí que eu senti que a dália e eu estávamos grávidas de Deus. [...] (LOPES, 1982, p.40)

2 - [...] -Vim correndo porque descobri agorinha mesmo que existo. Descobri também que o vento é vento, as aves, aves, que o mar tem ondas e as flores têm cheiro.

- Ora, Marcela! Por que só hoje fez essa descoberta?

- Porque hoje nasceu uma flor.

-Que tolice, menina! (...)

- Nasceu uma flor! Nasceu uma flor! Será que ninguém sente a importância de nascer uma flor? [...] (2000, p.21).

3 - [...] No continente não podemos sentir isso porque estamos sempre longe de nós mesmos. [...] (2000, p. 33)

A medida que a menina experimenta seu derredor se descobre intimamente, porque interligada a natureza. A passagem 1, que num primeiro momento só traz informações do andamento de uma rotina “normal”³ de menina, que entre outras coisas mantém a arrumação da casa, pro contentamento do pai, se amplia quando, somos surpreendidos pela admiração de Marcela diante do desabrochar de uma flor, que a faz dizer: “Foi aí que eu senti que a dália e eu estávamos grávidas de Deus” (1982, p.40). Nesse ‘sentimento’ esboçado pela menina em relação a dália percebemos claramente que o contato de Marcela com a natureza, na admiração mesma diante da copertença geradora de beleza, há algo mais profundo, algo que dota tal disposição de uma reverência que reconhece o caráter ‘divino’ da natureza. Que concepção do ‘divino’ seria essa, sentida pela personagem em meio a ambiência natural? Deixemos em aberto, por ora, cabe notar que a relação com o ‘divino’ assinalada anteriormente no desabrochar de uma dália, exprime a intimidade de Marcela com o ecossistema da ilha.

Já na passagem 2 aqui citada do romance, a identificação, ou melhor, a conexão, da menina com a natureza é patente. A descoberta de sua existência, segundo a personagem, acontece conjuntamente às descobertas dos elementos naturais da ilha, mais precisamente depois de um ‘acontecimento específico’: o nascimento de uma flor.

³ Para uma análise da condição feminina da personagem Marcela sob a ótica da crítica à dominação patriarcal: MORAES, Jorge L. M. de. **Espacialidade e Condição Feminina: estudos de confinamentos e deslocamentos**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

Na terceira passagem, o que salta é o impulso mesmo que a mantém separada do continente e que coloca o paradoxo que norteia o teor da experiência de Marcela com a ilha: à medida que se vê separada da mãe, quando criança, e do continente, pela obsessão do pai solitário, se descobre intimamente através da infinitude de possibilidades inerentes a diversidade natural da ilha. Segundo Daniel, essa experiência de imersão vista em Marcela não é possível no continente, onde se está sempre longe de si mesmo, ou seja, onde esse tipo de sensibilidade é embotada. As três passagens da narrativa literária de Moacir C. Lopes indicam que a tendência insular de Marcela é a recriação, que encontra na copertença originária com essa fonte de vida que é a *natureza*, ‘outra’ morada, um espaço aberto, ao ar livre, que lhe permite experimentar outra forma de viver, em contraste ao fechamento característico da casa-grande, lugar onde vive sob o domínio do pai. Essa tendência à recriação é chamada por Deleuze de “recriação mítica do mundo” (2004, p.10). O filósofo lança mão de dois romances para analisar as tendências de separação e recriação: *Suzana e o Pacífico* de Jean Giraudoux e *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe; o que nos habilita nesse trabalho a fazer o mesmo com a obra literária *A Ostra e o Vento* de Moacir C. Lopes. Se para o pensador, em *Suzana e o Pacífico* a protagonista “é uma moça insípida” (2004, p.10), “nada tem para recriar” (2004, p.10) e em *Robson Crusoe* a recriação “cede lugar à recomposição da vida burguesa a partir de um capital” (2004, p.10), podemos dizer, com base nas experiências de Marcela com a natureza da Ilha no romance *A Ostra e o Vento* que, com ela, a ilha já deserta, “no começo” da trama, quando do retorno de Daniel depois de seu misterioso desaparecimento “ao final” da obra, é possível reencontrar, o que Deleuze chama de “a vida mitológica da ilha deserta”. Como ilustração desse potencial, voltemos propriamente à obra *A Ostra e o Vento*:

, manhã manhã de mais uma era que finda e reinicia no roldão das horas e do vento, eternidade vazia, indivisível, manhã de muitas eras inuteismente repetidas, cinzenta, mar agitado, neblina dissipando-se, ilha ilha ilha..ilha dos Afogados!

Mumbecos pescam desde a madrugada e agora, pousados no coral abrem as asas e gritam anunciando as horas que não sabem. Tolos...não acordarão Marcela. Até quando volarei no rodízio do tempo? O vento é o mesmo, eternamente o mesmo e vento, como se nascesse dos picos, de dentro das rochas de fonólito e, espremendo-se, badalasse sinos na pulsação da ilha, e sopra ramos secos e beldroegas que rolam planalto abaixo, e rolo com eles. Deslizam as águas do córrego e jamais sentirão os pés de Marcela chapinhando nelas desde a casa-grande até a praia, gritando de braços abertos para assustar as aves e contemplar sua revoada.

Seus passos se repetem por toda a ilha (...)

Um navio está fundeando ao largo. Que vem essa gente fazer? É tarde demais, encontram uma ilha deserta.

Eu, somente eu permaneço aqui, sofrendo as dores que ela sofreu. Sempre que uma folha tombar de uma árvore tombarei com ela. Na água do córrego e no som de sinos que o vento provoca nos picos ouvirei sua voz. No odor de manjerição que se exala pela ilha estará a recendência de seu corpo. Em tudo o que ela tocou serei sua ausência. Nas asas das aves serei refletidos seus gestos. No espoucar das ondas, em cada ostra, em cada pólipó. Seus olhos brilharão em cada fólada que fosforece nas pedras dos coral. Até quando? Até quando?

Venham, marinheiros! Eu os espero. Aqui estou eu! Vasculhem os recantos todos, percorram a praia das Viuvinhas, o pico dos Catraios, outros picos e lajes, subam ao morro do Pensador, revistem a cabana, a casa-grande, a torre do farol, as árvores, a fonte (LOPES, 1982, p. 03-04).

Percebam ‘quem’, nesse trecho, que inicia a obra, “fala”. De imediato, a *natureza* se mostra sob dois ângulos indissociáveis: como *espaço* atmosférico de estada da *personagem* Marcela com/na ilha. Essa ‘confluência espacial’ ou espaço-ambiental, se faz presente na obra, da seguinte forma: a partir da natureza, e através da ‘presença-ausente’ de Marcela, que se dá justamente na/pela biodiversidade do local. Toda essa *simbiose* consumada, em uma integração pressuposta, anunciada durante o percurso da narrativa, é trazida à luz desde o início, pela única testemunha ocular do local: Saulo, o vento, elemento da *natureza*, e um dos personagens narradores da obra. A relação intrínseca de Marcela com a Natureza na ilha não seria uma maneira do autor do romance em questão manter viva a mitologia que a transpassa, ou melhor, à luz de Deleuze, a presença de Marcela, inerente a biodiversidade da ilha, depois de seu desaparecimento, enquanto indivíduo, não seria a confirmação dessa tese?

Saulo, o vento, sendo presença invisível e pertinaz, mantém-se depois do “desaparecimento” de Marcela. Dessa forma, “ele” ao falar que os marinheiros recém chegados a ilha “depois do acontecido” encontrariam a ilha deserta; e em seguida, ao apontar para “si mesmo”, como pista da presença-ausente dela no local enquanto natureza, sugere a dissolução da *personagem* enquanto indivíduo no *espaço ambiental*. Esse desfecho remissivo ao invés de resolver a trama com a morte da menina ratifica a tese, já sempre pressuposta no desdobramento da obra mesma que, o encontro avassalador com a natureza ativado pelo encontro com Saulo tenha desencadeado um processo de integração com a ilha de modo a assegurar o re-começo de vida relacional esperado pela sensibilidade da menina em reação à uma catástrofe. Qual seria a catástrofe vivida por Marcela a ponto de suscitar um renascimento? O embate com o pai, embate esse que se

traduz geograficamente no cerco do mar em torno da porção de terra que constitui o ‘corpo’ da ilha, embate vivo porque ao mesmo tempo que José separa Mar-cela do continente e do convívio com a mãe, a entrega, ainda que inconscientemente, a outras possibilidades relacionais inerentes a biodiversidade da ilha mesma.

Uma vez a “geografia coligada ao imaginário” na personagem Mar-cela do romance *A Ostra e o Vento* à luz de Deleuze podemos concluir evocando mais um trecho elucidativo de ‘Causas e razões das ilhas desertas’ no sentido de ratificar o caráter radicalmente criador da protagonista:

[...] (“que seres existem na ilha deserta?”) é que o homem já existe aí, mas um homem pouco comum, um homem absolutamente separado, absolutamente criador, uma Ideia de homem, em suma um protótipo, um homem que seria quase um deus, uma mulher que seria uma deusa, um grande Amnésico, um puro artista, consciência da Terra e do Oceano, um enorme ciclone, uma velha bruxa, uma estátua da Ilha de Páscoa(...) Na ilha deserta, uma tal criatura, seria a própria ilha deserta na medida em que ela se imagina e se reflete em seu movimento primeiro(...) pronta para recomençar o mundo[...](DELEUZE, 2004, 08).

Referências Bibliográficas

LOPES, Moacir C. *A Ostra e o Vento*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro. Cátedra, 1982.

DELEUZE, G. *Causas e Razões das Ilhas Desertas*. In. *Ilhas Desertas e outros textos*; Trad. David Lapoujade; Ed. Iluminuras-2004.

FODY III, Michael. *Criação e técnica no romance de Moacir C. Lopes*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. *Espaço geográfico uno e múltiplo*. In: **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 5, p. 79-104, 2001.



abralic
Associação Brasileira de Literatura Comparada

